



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Lacan e a transmissão da psicanálise¹

Marcia Maria Rosa Vieira

Orcid: [0000-0001-7076-4725](https://orcid.org/0000-0001-7076-4725)

Membro da Escola Brasileira de Psicanálise / EBP

Membro da Associação Mundial de Psicanálise / AMP

Pós-doutorado em Psicanálise pela Université Paris 8 (Paris, França)

Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil)

E-mail: marciamariarosav@gmail.com

Luís Fernando Duarte Couto

Orcid: [0009-0001-6894-2905](https://orcid.org/0009-0001-6894-2905)

Mestre em Promoção da Saúde e Prevenção da Violência pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais / UFMG (Belo Horizonte, Brasil).

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais – Área de Concentração: Estudos Psicanalíticos (Belo Horizonte, Brasil)

Preceptor da Residência de Psiquiatria do Instituto Raul Soares – Fundação Hospitalar de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)

E-mail: luisfdcouto@gmail.com

Resumo: Este artigo trata das questões concernentes ao ensino e transmissão da psicanálise a partir do ensino de Lacan. Parte de um primeiro momento do ensino quando se propõe a transmissão da psicanálise a partir da articulação da linguagem em uma fala dirigida àquele em posição de aluno. Em um segundo momento, buscou-se recuperar, do ensino de Lacan, o que seria um ensino sem fala, a partir da proposta da matematização do discurso, em sua tentativa de produzir uma transmissão integral. Discute-se, a partir disso, como Lacan toma a falha de transmissão em Freud, tomada como impossível, para nos apresentar a transmissão de uma falha. Finalmente, procurou-se apresentar o que seria um ensino a partir do último ensino de Lacan, quando a matematização encontra seu limite. Discute-se a possibilidade de um ensino a partir da solidão do Um, quando se tem o corpo como alteridade. Este último ponto deixa questões em aberto e abre um campo para futuras investigações: como pensar o ensino a partir do último ensino; como ensinar a psicanálise no século XXI? Estas últimas questões são apontadas, mas não foram desenvolvidas no presente artigo.

Palavras-chave: Psicanálise; Transmissão; Ensino; Lacan.

Lacan et la transmission de la psychanalyse: Cet article traite des questions relatives à l'enseignement et à la transmission de la psychanalyse à partir de l'enseignement de Lacan. Il part du premier moment de l'enseignement, lorsque la transmission de la psychanalyse est proposée à partir de l'articulation du langage dans un discours adressé à l'étudiant. Deuxièmement, il cherche à récupérer dans l'enseignement de Lacan ce qui serait un enseignement sans parole, à partir de la proposition de la mathématisation du discours, dans sa tentative de produire une transmission intégrale. Nous discutons ensuite comment Lacan prend l'échec de la transmission de Freud, prise comme impossible, pour nous présenter la transmission d'un échec. Enfin, nous tentons de présenter ce que pourrait être un enseignement à partir du dernier enseignement de Lacan, lorsque la mathématisation atteint sa limite. Nous discutons de la possibilité d'enseigner à partir de la solitude de l'Un, quand le corps est une altérité. Ce dernier point laisse des questions sans réponse et ouvre un champ de recherches futures : comment penser l'enseignement de la psychanalyse à partir du dernier enseignement de Lacan; comment enseigner la psychanalyse au XXI^e siècle ? Ces dernières questions sont soulevées, mais n'ont pas été développées dans cet article.

Mots clés: Psychanalyse; Transmission; Enseignement; Lacan.

Lacan and the transmission of psychoanalysis: This article deals with questions concerning the teaching and transmission of psychoanalysis based on Lacan's teaching. It starts from the first moment of his teaching, when the transmission of psychoanalysis is proposed based on the articulation of language in a speech addressed to the student. Then, we seek to recover from Lacan's teaching what seems to be a teaching without speech, from the



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

proposals of mathematization of the discourse, in his attempt to produce an integral transmission. We then discuss how Lacan uses Freud's failure of transmission, understood as impossible, to present us with the transmission of a failure. Finally, an attempt is made to present what a teaching might be from Lacan's last teaching, when mathematization finds its limit. We discuss the possibility of teaching from the solitude of the One, when we have the body as alterity. This last point leaves open questions and opens up a field for future research: how to further the understanding about teaching from Lacan's last teaching; how to teach psychoanalysis in the 21st century? These final questions are raised, but not developed in this article.

Keywords: Psychoanalysis; Transmission; Teaching; Lacan.

Lacan e a transmissão da psicanálise
Marcia Maria Rosa Vieira & Luís Fernando Duarte Couto

Introdução

No início da década de 1950, Lacan inicia seu ensino. Ao falarmos disso, habitualmente referimo-nos à sua proposta de um retorno a Freud, mas há um outro aspecto do início de seu ensino que queremos enfatizar neste artigo. Trata-se de um tema presente ao longo de todo o seu *Seminário 1* (Lacan, 1953-1954/1986)² e que concerne especificamente ao ensino da psicanálise.

Quais são as primeiras palavras da **abertura** do *Seminário 1*?

O mestre interrompe o silêncio com qualquer coisa, um sarcasmo, um pontapé.

É assim que procede, na procura do sentido, um mestre budista, segundo a técnica *zen*. Cabe aos alunos, eles mesmos, procurar a resposta às suas próprias questões. O mestre não ensina *ex-cathedra* uma ciência já pronta, dá a resposta quando os alunos estão a ponto de encontrá-la.

Essa forma de ensino é uma recusa de todo sistema. Descobre um pensamento em movimento – serve entretanto ao sistema, porque apresenta necessariamente sua face dogmática. O pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão. É um erro reduzi-lo a palavras gastas. Nele, cada noção possui vida própria. É o que se chama precisamente a dialética (Lacan, 1953-1954/1986, p. 9).

Lacan interrompe o silêncio com a abertura de seu Seminário. A preocupação com o ensino está já de entrada, mas desde então, a partir de uma subversão: aquele que ensina não o faz do alto de seu saber, *ex-cathedra*. Essa recusa ao sistema traz uma marca de diferença em relação àquilo que Freud articulava do ensino como um impossível (Freud, 1937/2006), e que podemos aproximar aqui a uma espécie de **falha de transmissão**. Lacan retoma Freud, mas o subverte. Caminha com ele, mas inclui no texto de Freud uma fenda, que se mostrará essencial para os desdobramentos que seu ensino (o de Lacan) propiciará: “o pensamento de Freud é o mais perpetuamente aberto à revisão” – aí está a necessária introdução de uma fissura no texto freudiano. Lacan faz o mesmo com seu próprio ensino, mantém seu texto aberto, convida o leitor a colocar algo de si, como o faz em outra “abertura”, a de seus *Escritos* (Lacan, 1966/1998c).

Ao retomar os escritos técnicos de Freud, ainda na primeira aula de seu *Seminário 1*, Lacan (1953-1954/1986) relança, de uma nova maneira, a questão relativa à formalização de conceitos fundamentais da psicanálise. No primeiro parágrafo de *As pulsões e seus destinos* (1915/2019), Freud manifesta sua divisão em relação à formalização de conceitos fundamentais, a partir de uma concessão a ser feita à clínica. Dá-lhes o caráter de convenções para posteriormente subordinar a experiência a

eles (Freud, 1915/2019). Lacan nos esclarece este ponto e adverte àqueles que o escutam que a **formalização**, de certa maneira, encobre a verdadeira questão.

A formalização de regras técnicas é assim tratada nestes escritos [de Freud] com uma liberdade que, por si só, é um ensinamento que poderia bastar, e que, já a uma primeira leitura, dá seu fruto e sua recompensa. Nada que seja mais saudável e mais libertador. Nada que mostre melhor que a verdadeira questão está em outro lugar (Lacan, 1953-1954/1986, p. 18).

De maneira que Lacan inicia seu Seminário retomando o ensino e os impasses a que chegou Freud, o que podemos aproximar daquilo que estamos nomeando aqui como uma falha de transmissão. Freud chega até aí: nas dificuldades da transmissão, o impossível de educar, a resistência de quem ouve, este rochedo da transmissão, que propusemos como uma falha, análoga à falha em uma transmissão elétrica. O que pretendemos desenvolver neste artigo é como Lacan irá retornar a Freud e perturbar sua falha de transmissão para nos devolvê-la como a transmissão de uma falha.

O ensino como efeito da fala

Ao contrário de Freud, que, em seu estilo, quase sempre se refere a um aprendizado com a prática, com os outros campos do saber (tal como frequentemente aparece em seu texto um "aprendemos com o caso", ou "a psicanálise nos ensinou" etc.), em O Seminário, de Lacan, proliferam versões do "eu lhes ensino", "tal como ensinei", "vou ensinar-lhes". Mas é importante ressaltar que o estilo/ensino de Lacan comporta uma hiância: não se trata, de modo algum, da comunicação de um saber último e fechado em si mesmo, mas de uma abertura para seguir com uma investigação. Em certa ocasião do Seminário 1, Leclair faz uma pergunta a Lacan a respeito dos equívocos entre *Ich-Ideal* e *Ideal-Ich* no texto de Freud. Ao que Lacan responde: "Estamos aqui num seminário, não professamos um ensino *ex-cathedra*. Procuramos nos orientar, e tirar o máximo de proveito de um texto e sobretudo de um pensamento em desenvolvimento" (Lacan, 1953-1954/1986, p. 149).

Não deixa de ser impressionante o rigor com que Lacan trata os conceitos e as consequências que extrai do texto de Freud, concomitantemente a uma abertura à investigação, tal como podemos traduzir um "pensamento em desenvolvimento". Talvez possamos aproximar a algo entre ensinar o que se sabe – o que seria propriamente 'ensino' – e ensinar o que não se sabe – "*isso se chama pesquisa*", conforme propõe Barthes (2013, p. 49), em sua conhecida *Aula*.

Este pensamento em desenvolvimento, Lacan o transmite essencialmente por uma via oral em seu Seminário. Há um privilégio da palavra que é emitida, veiculada pela voz – é isto que interrompe o silêncio. Bem no início de seu ensino, ele fará uma discussão a este respeito; de como se dá uma comunicação. Existe comunicação e possibilidade de transmissão, porque há a palavra, a letra, e alguém para escutá-la.

Ela está aí antes de qualquer coisa que haja atrás. E, por isso, é ambivalente e absolutamente insondável. O que ela diz, será que é verdade? Será que não é verdade? É uma miragem. É essa primeira miragem que lhes assegura que estão no domínio da palavra (Lacan, 1953-1954/1986, p. 273).

A partir dessa dimensão da palavra enquanto miragem, que pode ou não ser verdade – o que Lacan formalizará mais à frente como a verdade mentirosa, verdade não-toda –, encontramos uma primeira perspectiva de ensino, em que a comunicação não é algo que se transmite como nas linhas de transmissão elétrica. Cada ouvinte tomará a palavra emitida para fazer dela uma mensagem. Nessa mesma direção, Lacan afirma: “Eis por que, num sentido, se pode falar da linguagem dos animais. Há uma linguagem dos animais na medida exata em que há alguém para compreendê-la” (Lacan, 1953-1954/1986, p. 273).

À medida que o que se pretende transmitir, pela via da fala, será recebido pelo ouvinte, e este fará qualquer coisa com isso, resta inseparável o afetivo e o intelectual (Lacan, 1953-1954/1986, p. 312). Lacan aqui fala de afeto. Neste momento, essa oposição afeto-intelecto ressaltada por ele nos permite esclarecer o problema da transmissão que, obviamente, não se trata de uma mensagem que será integralmente absorvida pelo aluno ou aquele que se encontra na posição de aprendiz. Há determinado momento em que, subitamente, o aluno mais calado, no fundo da sala, desperta de seu sono em que sonha com um “não quero saber nada disso” e se **afeta** com o que foi dito. Ali, podemos supor, algo do real entrou em jogo. O que Lacan diz a este respeito?

Vejam vocês, há dois modos de aplicação de uma disciplina que se estrutura num ensino. Há o que vocês entendem e depois o que vocês fazem disso. Esses dois planos não se recobrem, mas podem-se encontrar num certo número de signos segundos. É sob esse ângulo que vejo o que pode haver de fecundo em toda ação verdadeiramente didática. Não se trata tanto de transmitir-lhes conceitos, quanto de explicá-los a vocês deixando-lhes conseqüentemente o relé de preenchê-los, e o encargo. Mas há algo que é talvez mais imperativo ainda, é designar-lhes os conceitos de que nunca devemos nos servir (Lacan, 1953-1954/1986, p. 312).

O que Lacan ensina, ele mesmo o diz, é o sentido e a função da ação da palavra, este elemento que levará à interpretação. Não se trata de uma dimensão propriamente intelectual. O intelectual fica situado dentre os fenômenos do Eu em sua projeção imaginária e que a psicanálise nos esclareceu ao situá-los do lado da defesa e da resistência (Lacan, 1953-1954/1986, p. 313).

Neste primeiro tempo de seu ensino, Lacan opera a partir de uma primazia do simbólico. É neste período, durante os primeiros anos de seu Seminário, que publica *O seminário sobre 'A carta roubada'* (1956/1988), em que tratará de uma autonomia do simbólico. Lacan traz, já de entrada, no texto de abertura dos *Escritos*, uma pergunta instigante a este respeito. Se na linguagem nossa

mensagem nos vem do Outro, em forma invertida (aí está a autonomia e primazia do simbólico), qual seria a função de tentarmos transmitir alguma mensagem para um outro? Ele coloca isso nos seguintes termos: "Mas se o homem se reduzisse a nada ser além do lugar de retorno de nosso discurso, não nos voltaria a questão de para que lho endereçar?" (Lacan, 1966/1998c, p. 9). Indica assim, na sequência, o motivo da reunião de seus textos nos *Escritos*. Se os *Escritos* se destinam ao "novo leitor", cabe a este "devolver à carta/letra em questão, para além daqueles que um dia foram seus endereçados aquilo mesmo que ele nela encontrará como palavra final: sua destinação" (Lacan, 1966/1998c, p. 10). Em outras palavras, o leitor (e podemos extrapolar aqui tanto para o aluno quanto para o professor-ensinante) a quem se destina a carta/letra – a mensagem que lhe é destinada – devolverá à mesma algo de si. Desse modo, a transmissão será possível a partir de uma fratura que possa acomodar o que o aluno tenha a colocar de si na leitura que a psicanálise possa lhe permitir fazer da experiência.

O ensino, tal como a psicanálise pode nos propor, não é duplo-cego³, muito embora não se dê de todo às claras. Se o psicanalista se vê levado à posição de ensinar, será a partir de um ponto obscuro, algo que comporte uma hiância que lhe permita incluir sua própria investigação, interrogado que deva estar pela psicanálise. Ou, nas palavras de Lacan em *O seminário sobre 'A carta roubada'*: "Nossos escritos têm lugar no interior de uma aventura, que é a do psicanalista, conquanto a psicanálise seja seu questionamento." (Lacan, 1956/1998a, p. 46).

É importante retomar aqui duas vertentes do ensino que mencionamos anteriormente: **ensinar o que se sabe e investigar o que não se sabe**. No *Seminário 2* (Lacan, 1954-1955/1985a) isto aparece em alguns momentos nos quais Lacan destaca a importância de se ensinar os conceitos (o ensino formal), por um lado e, por outro, a fecundidade da ignorância.

É desse modo que, logo no início deste Seminário, haverá a consideração de que quanto mais se sabe, maiores são os riscos.

Tudo o que se ensina a vocês sob uma forma mais ou menos pré-digerida nos pretensos institutos de psicanálise [...] é claro que tudo isto é muito útil, sobretudo para as pessoas que não são analistas. Seria muito estúpido que um analista os negligenciasse sistematicamente, mas é preciso que saiba que esta não é a dimensão na qual ele opera (Lacan, 1954-1955/1985a, p. 30).

Sua flexibilidade e sua formação devem se dar em outro nível que não este da sedimentação do saber. Sem desconsiderar, é claro, que o ensino de conceitos fundamentais são um meio pelo qual a psicanálise pode ser transmitida. Se não for a partir desses conceitos será outra coisa, que não a psicanálise (Lacan, 1954-1955/1985a, p. 23).

Trata-se de uma questão epistêmica importante, uma vez que tais conceitos servirão como um guia, um orientador, que permitem que se questione desde dentro o ensino da psicanálise. Ou seja: existe um dispositivo imanente à transmissão da psicanálise, que consiste em partir do ensino de

determinados conceitos que possibilitam – eles mesmos –, a partir da clínica, colocar à prova a teoria. Lacan o diz da seguinte maneira:

O que lhes ensino aqui são noções fundamentais, alfabéticas, é mais uma rosa dos ventos, uma tábua de orientação, do que uma cartografia completa dos problemas atuais da análise. Isto supõe que, munidos da tal tábua de orientação, vocês procurem passear por seus próprios meios pelo mapa, e que submetam meu ensino à prova de uma leitura extensa da obra de Freud (Lacan, 1954-1955/1985a, p. 313).

Voltaremos, mais adiante, a esta questão de colocar a teoria à prova a partir do próprio discurso analítico. Antes, porém, duas advertências são necessárias. E ambas vêm do próprio Lacan, ainda no *Seminário 2*. Trata-se de dois perigos relativos à apreensão do campo clínico da psicanálise. O primeiro perigo é não ser suficientemente curioso. É o que podemos articular a uma posição de douda ignorância, aquela que permite abrir o campo de investigação na experiência clínica, ao invés de encerrá-lo com o saber *prêt-à-porter*. E isto se articula diretamente ao segundo perigo destacado por Lacan: compreender.

Compreendemos sempre demais, especialmente na análise. Na maioria das vezes, nos enganamos. Pensa-se poder fazer uma boa terapêutica analítica quando se é bem dotado, intuitivo, quando se tem o contato, quando se faz funcionar este gênio que cada qual ostenta na relação interpessoal. E a partir do momento em que não se exige de si um extremo rigor conceitual, acha-se sempre um jeito de compreender. Mas fica-se sem bússola, não se sabe nem de onde se parte, nem para onde se está tentando ir (Lacan, 1954-1955/1985a, p. 135).

Ainda nessa primeira década, desde que iniciara seu Seminário, Lacan dedicará algumas produções escritas à questão do ensino. É assim que publica *A psicanálise e seu ensino*, em 1957/1998b, também animado por um espírito que procura resgatar em Freud os fundamentos de sua teoria. Essa comunicação foi apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia e nos interessa, aqui, trazer apenas alguns destaques.

Nesse texto, Lacan explora a ambiguidade do pronome possessivo (A psicanálise e **seu** ensino) para fazer menção ao que a psicanálise nos ensina e como ensiná-lo. Esse argumento duplicado é retirado das “teses sobre a ordem que institui a psicanálise como ciência e, depois, extrai delas os princípios por onde manter nessa ordem o programa de seu ensino” (Lacan, 1957/1998b, p. 440). Encontramos nessa afirmativa noções que remetem à extração e à redução, tal como se opera na ciência moderna. É a aposta nessa inclusão da psicanálise no modo de fazer científico que permitirá sustentar que ela ensina e é ensinada.

Se é verdade que quando falamos queremos ensinar ou aprender, como propõe Adeodato em seu diálogo com Santo Agostinho, em *De magistro* (389 d.C), não podemos afirmar, por outro lado, que a **função** de falar seja comunicar, ensinar. Esta é a crítica que Lacan faz a Piaget no *Seminário 10* (1962-1963/2005), ao considerar que este último parte dessa suposição – de que a fala é feita para comunicar. Ele extrai do texto de Piaget inclusive, um “índice de compreensão”, a partir de seu experimento em que explica a uma criança o funcionamento de uma torneira e pede, em seguida, que essa criança (que ele chama de “explicador”) o transmita a uma outra criança (“reprodutor”). Tal índice, seria, portanto, resultado da operação: o que o reprodutor compreendeu/o que o explicador compreendeu. Pode parecer risível tal índice, mas temos muitos exemplos para confirmar que ainda hoje o caráter pedagógico presente nas formações, de maneira geral, toma como base essa divisão. Assim se consegue crer talvez demasiadamente na nota obtida de uma avaliação, que seria exatamente o resultado dessa operação.

É numa investigação crítica à pedagogia que Lacan retomará esta pergunta, que nos guia neste trabalho, logo no início do Seminário 10: O que é ensinar? E, além disso, como tratar o problema concernente ao ensino da psicanálise. “O que é ensinar, quando se trata justamente de ensinar o que há por ensinar não apenas a quem não sabe mas a quem não pode saber? E convém admitir que, até certo ponto, todos aqui estamos no mesmo barco, dado aquilo de que se trata.” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 26). A questão é deslocada do saber do psicanalista – se ele poderia ensinar aquilo que sabe – para encontrar uma instabilidade no ensino da psicanálise. Sem essa instabilidade, que comporta algo daquilo que não se pode saber e que Freud chamou de Inconsciente, o ensino se daria por uma via do sentido em que o professor adicionaria um saber àquilo que o aluno acreditaria saber de antemão.

O ensino da psicanálise pode, certamente, acrescentar alguma coisa em termos de saber, mas o que Lacan nos adverte a esse respeito é que o que se agrega possa ser articulado àquilo que produz a teoria, ou seja, à experiência – seja a própria experiência de análise ou à clínica.

Se quiserem, é por existir, segregada pela experiência analítica, toda uma literatura chamada teoria analítica, que sou forçado, muitas vezes a contragosto, a lhe dar tanta importância aqui, e é ela que exige que eu faça algo que vá além da agregação, algo que deve caminhar, através dessa agregação da teoria analítica, no sentido de nos aproximar do que constitui sua fonte, a saber, a experiência (Lacan, 1962-1963/2005, p. 26).

É justamente para evitar os enganos da compreensão e situá-la em uma função de móbil, mobilizadora (em um primeiro momento), que neste ponto do *Seminário 10* Lacan se deterá em sua álgebra, naquilo que pôde reduzir em termos mínimos os operadores da clínica. Toda a problemática do ensino aparece neste Seminário de maneira clara, à medida que a não compreensão produz, como efeito, a constante interrogação que a clínica fará à teoria. É este paradoxo que a psicanálise procura manter vivo e, de alguma maneira, tenta nos transmitir: reconhecer nos pacientes algo diferente do

que há nos livros (Lacan, 1962-1963/2005, p. 81). O que se produz, a partir dessa perspectiva, é a saída de uma posição ingênua que leva da compreensão à explicação determinista – sem muito constrangimento em desconsiderar o abismo existente entre um e outro.

O que Lacan introduz aí, e que nos permite escapar do determinismo, é a função da causa. O conceito de objeto *a* é formalizado nesse *Seminário 10*, e sua função de causa do desejo será a chave que nos conduzirá a abandonar a compreensão, inclusive como móbil. O que passa a operar e mobilizar será o objeto *a*. Trata-se de uma causa, cujo efeito não se mostra evidente. No lugar de seu efeito – o desejo – o que se produz como resposta é o sintoma. De certa maneira, o que a ciência fará é obturar esta lacuna existente entre a causa e o efeito (Lacan, 1962-1963/2005, p. 310).

Lacan nos dá uma chave para operar na clínica. Essa chave pode ser lida como um *nada* positivado como objeto – o objeto *a* – à medida que a psicanálise nos mostra, a partir da experiência, que este objeto tem função. A chave a que estamos aludindo aqui é uma das três vias a partir das quais Lacan propõe o problema concernente à abordagem dos afetos⁴.

“A experiência, ao contrário, conduz-nos à terceira via, que colocarei sob o indicador da função da *chave*. A chave é aquilo que abre e que, para abrir, funciona.” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 30). À chave se chega por meio da experiência e isso nos indica um caminho da formação. A função do objeto *a* nos parece fundamental neste ponto, uma vez que nos indicará não só o real concernente ao caso, como também o móbil, a função de desejo daquele que pretende ensinar.

Um ensino sem fala?

As coisas começam a se modificar: as mudanças que se dão ao longo do ensino de Lacan acarretam, como efeito, reelaborações sobre o ensino. Um importante giro teórico ganha relevo aqui. Se, no *Seminário 11* (Lacan, 1964/1988), Lacan reafirma toda a importância que deu à fala, no sentido de, em seu retorno a Freud, ter recuperado a função deste campo recorrendo à linguística; alguns anos depois, iniciará o *Seminário 16* (Lacan, 1968-1969/2008) com uma frase no quadro: *a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala*.

Tentemos localizar melhor a mudança que se dá na passagem entre o *Seminário 11* e o *16*. Está assim no *Seminário 11*, referindo-se às pessoas que estavam se inserindo em seu ensino:

Elas se introduzem através de escritos que já fizeram época. Eu gostaria que elas soubessem que uma das coordenadas indispensáveis para apreciar o sentido desse primeiro ensino deve ser encontrada no seguinte: que elas não podem, onde estão, imaginar até que grau de desprezo, ou simplesmente de desconhecimento para com seu próprio instrumento, podem chegar os praticantes. Que elas saibam que, durante alguns anos, foi preciso todo o meu esforço para revalorizar aos olhos deles esse instrumento, a fala – para lhe devolver a dignidade, e fazer com que ela não seja sempre, para eles, essas palavras desvalorizadas de antemão que os

forçavam a fixar os olhos em outra parte, para lhes encontrar um fiador (Lacan, 1964/1988, p. 24).

Por outro lado, o *Seminário 16* (Lacan, 1968-1969/2008), que terá início após os tumultuados eventos do maio de 1968 na França, implicará um paradoxo e uma mudança importante em relação à função da fala, como ressaltada na citação anterior:

Antes de introduzir hoje os esquemas dos quais pretendo partir, eu gostaria de assinalar mais uma vez que, se há uma coisa que já lhes deve ficar na palma da mão, trata-se do que tive o cuidado de escrever há pouco no quadro-negro – A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala.

Trata-se da essência da teoria. A essência da teoria psicanalítica é a função do discurso, e é muito precisamente nisso, que talvez lhes pareça novo, ou pelo menos paradoxal, que eu o digo sem fala (Lacan, 1968-1969/2008, p. 14).

O campo do sentido começa a se evaporar a partir da antiga fórmula acerca da autonomia do simbólico, mas com uma radicalidade maior. Assim, Lacan afirmará que será no fora do sentido dos ditos que o sujeito existirá como pensamento, rompendo de vez com qualquer suposição fenomenológica (Lacan, 1968-1969/2008, p. 13). O recurso de que lança mão, para argumentar a favor de um discurso fora do sentido, será a matemática e a lógica.

O discurso matemático será evocado como aquele que não tem sentido e talvez o que mais se aproxime de uma linguagem formal, uma linguagem sem equívocos, ponto em que se sustentaria sozinho, sem a necessidade do matemático⁵. A presença e a necessidade do matemático é, de fato, um ponto de embaraço que indica que tal discurso tenha seus pontos de inconsistência. Daí a necessidade daquilo que Lacan chamou "o desejo do matemático". Para a construção de uma linguagem matemática seriam necessárias duas condições: 1. Uma linguagem sem equívoco; 2. A linguagem deve ser pura escrita.

A primeira condição torna necessária a segunda: uma linguagem sem equívoco – que não remete a nenhum sentido – deve existir sob a forma de pura escrita, uma fórmula matemática. Tomemos uma fórmula como a da equação de segundo grau⁶: ela não quer dizer nada e, ao mesmo tempo, comporta duas "verdades": dois valores de x são possíveis para resolver o problema. No entanto, afirma Lacan: "Nada do que lhe diz respeito [à linguagem de pura escrita] deve constituir senão interpretações. Toda a estrutura [...], é ela que produz essa escrita. Dessa formalização, portanto, não há nada que não se coloque como interpretação" (Lacan, 1968-1969/2008, p. 95). A interpretação é o que permite sair da fórmula de pura escrita, ou então: a fórmula de pura escrita pode ser interpretável, ganhar sentido. Assim, se em uma guerra alguém quiser calcular o ponto máximo que atinge um projétil lançado por um canhão, poderá recorrer à equação quadrática. O problema que a fórmula pretende

resolver é aquele criado pela abertura a que leva a interpretação: quem será atingido pelo projétil? Seriam inocentes? Inimigos? Por que a guerra? E por aí vai...

Esta linguagem matemática (aritmética) é, sem dúvida, consistente e, por isso, demonstrável. No entanto – foi o que deduziu Gödel –, as teorias da aritmética, sendo consistentes, implicam aquilo que as limita, a incompletude. Assim, há afirmações verdadeiras que o sistema não pode provar. Não bastaria que se criassem mais axiomas para dar conta de tais verdades: uma lista completa e finita de axiomas não poderia nunca ser criada. Temos, além disso, o segundo teorema de Gödel: tais teorias não podem demonstrar sua consistência do interior de si mesmas (Lacan, 1968-1969/2008, p. 96).

Lacan interroga o discurso matemático para saber até que ponto ele seria capaz de dar conta de si mesmo. Encontra, no entanto, limites em sua consistência e completude, o que o faz evocar a necessidade do matemático e seu desejo. Depreende desse discurso, além disso, o ponto que localizamos como o giro que produz em seu ensino nesse momento. A matemática nos servirá para esclarecer esses dois tipos de linguagem: de um lado, a linguagem formal, inequívoca, reduzida à pura escrita em fórmula; de outro, aquilo que é chamado de linguagem natural, linguagem que comporta o equívoco e se abre ao sentido (Lacan, 1968-1969/2008, p. 96). Esclarece-nos, assim, este aparente paradoxo que se dá no destaque que fizemos da passagem do *Seminário 11* para o *16*, entre uma primazia da fala e um discurso sem fala.

Neste momento do ensino de Lacan, o desenvolvimento teórico acerca de um discurso sem palavras (e que caminhará, no ano seguinte, para a produção dos quatro discursos) está intimamente relacionado às possibilidades de transmissão da psicanálise. É o que, mais tarde, Lacan apostará como a possibilidade de uma transmissão integral, a partir do matema. A formalização matemática é tomada aí como um ideal (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 161). "Trata-se do que poderíamos chamar de matema, que afirmei ser o ponto pivô de todo ensino. Em outras palavras, não há ensino senão matemático, o resto é brincadeira." (Lacan, 1971-1972/2012, p. 26).

Será no *Seminário 17* (1969-1970/1992) que ocorrerá a consolidação de uma estrutura matematizável para o discurso, a partir da proposta original, feita por Lacan, de suas quatro modalidades. Não nos deteremos, neste artigo, na formalização dos discursos, sua teoria propriamente dita, as letrinhas que giram em cada lugar, embora disso pudéssemos extrair consequências para pensar a transmissão da psicanálise. É que o caminho que estamos percorrendo aqui diz respeito mais a como Lacan transmite e como pensa o ensino do que aos elementos constitutivos de sua teoria e sua articulação interna.

Se Lacan encerra o *Seminário 16* afirmando que seu ensino é antiuniversitário (Lacan, 1968-1969/2008, p. 385), irá demonstrá-lo ao longo do seminário seguinte, não sem contestações. Trata-se de um momento turbulento historicamente, mas esse psicanalista faz questão de dissociar a sua teoria estrutural da agitação dos estudantes em 1968. Logo, ao propor que falaria da psicanálise pelo avesso, faz-nos lembrar que já havia lançado essa ideia antes de 1968. É nesse sentido que podemos ler, de uma maneira mais clara, o que diz logo em seguida: o discurso não é abstraído de qualquer realidade.

“Está já inscrito naquilo que funciona como essa realidade. Faz parte de seus pilares.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 12).

Parece mesmo tratar-se de um momento de crise. Lacan retoma um tempo anterior em que, quando produzira seu Seminário em Sainte-Anne, seu discurso provocava uma inquietação entre os médicos, a ponto de ter-se constituído uma pequena pesquisa de opinião para saber se seu ensino respondia bem às garantias de o que seria um ensino médico. A crise em questão está relacionada ao lugar ocupado pelo saber.

“Não há qualquer necessidade de saber determinada coisa para ensiná-la” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 23) – isso já havia sido demonstrado a partir do experimento de Piaget que retomamos anteriormente. O que, de alguma maneira, produz espanto nesse momento é a disjunção que produz entre o desejo de saber e o saber. “Distinção radical, que tem suas conseqüências últimas do ponto de vista da pedagogia.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 21). O que conduz ao saber é, por outro lado, o discurso da histórica⁷.

É neste ponto que Lacan nos esclarece a maneira com que produz sua investigação. Ele já havia dito, na abertura do *Seminário 1*, que não professa um ensino *ex-cathedra*. E o confirma em 1969 ao ser alertado por algumas pessoas de que seria contestado após sua primeira aula neste *Seminário 17, O avesso da psicanálise*: “Elas [refere-se às pessoas que o alertaram] não se dão conta o suficiente de que eu também estou à espreita da contestação. E isto por um objeto que me interessa eminentemente – para que ela confirme ou desminta o nível onde eu situo a estrutura de um discurso” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 21). E um pouco mais adiante: “Mas não creio que contestar seja perturbar uma aula. Seria um infortúnio que eu tivesse que ensinar isto à própria contestação.” (Lacan, 1969-1970/1992, p. 22).

Lacan coloca seu discurso à prova da contestação, mas advertindo aos ouvintes que não se trata de um discurso que seja seu, mas do qual ele é o efeito. Ou seja: se está certo que o discurso opera sem palavras, em sua estrutura mínima, como o propôs, a contestação visaria a estrutura do discurso e seria isso o que o colocaria à prova. É assim que podemos assimilar como, em seu ensino, separa-se da posição de professor. Ele mesmo nos esclarece em uma aula que foi intitulada quando de sua formatação para a versão escrita do *Seminário 17, Saber, meio de gozo*:

Claro, eu de modo algum me identifico com uma certa posição. Posso garantir que para mim certamente não se trata, cada vez que venho aqui tomar a palavra, de dizer seja lá o que for, e nem se trata de um o que é que vou dizer-lhes esta vez? Quanto a isto, não tenho qualquer papel a desempenhar, no sentido de que a função de quem ensina é da ordem do papel, do lugar de sustentar, que é, incontestavelmente, um certo lugar de prestígio. Não é isso o que lhes peço, mas antes algo de uma ordenação que me impõe o dever de pôr à prova esse trilhamento. Essa ordenação, sem dúvida, eu escaparia dela, como todo mundo, se não tivesse, diante desse mar de orelhas – entre as quais talvez haja um par de orelhas críticas – se não

tivesse o dever, com essa temível possibilidade, de prestar contas do encaminhamento de minhas ações em relação a isto – há psicanalista (Lacan, 1969-1970/1992, p. 40).

Donde podemos depreender algo de inusitado no ensino da psicanálise e que o diferencia das demais formas de ensino. Primeiro, em relação à função daquele que pretende transmitir. Se não é na posição de professor, que posição seria? Trata-se de uma consequência do fato de ser, quem transmite, produto de um discurso. Ensina-se na posição de sujeito, analisante: “o que constitui a originalidade deste ensino [...] é exatamente o fato de alguém, a partir do discurso analítico, colocar-se em relação a vocês na posição de analisando” (Lacan, 1970-1971/2009, p. 11). Além disso, podemos extrair uma segunda consequência, conforme havíamos adiantado anteriormente neste trabalho: há no dispositivo de ensino, imanente a ele, um meio de colocá-lo à prova e que dispensa as provas de laboratório. O que seria isso? Tomemos, como exemplo, o ensino da psiquiatria. Se ensinamos que tal medicamento produz um aumento na recaptação de determinado neurotransmissor, e que isso é a causa da produção dos efeitos terapêuticos, está implícito, naquilo que ensinamos, um “acredite nisso que digo”. Se *trinta*, às vezes *quarenta por cento* dos pacientes não apresentam o efeito terapêutico esperado, o problema não está no meu ensino. O problema está nas condições biológicas que tornam aqueles trinta ou quarenta por cento *resistentes* ao tratamento.

É o oposto do ensino da psicanálise, em que poderíamos, com certa tranquilidade, solicitar que “não acreditem nisso que digo”; “coloquem o que digo à prova”. Em se tratando de uma experiência que leva em conta a linguagem e o gozo, aquilo que é ensinado pode ser colocado à prova seja na prática clínica, na própria experiência de análise ou no estudo da teoria em uma sala de aula. Ou então de uma maneira mais clara: será uma destas experiências (a clínica, a própria análise, a sala de aula) que colocará à prova aquilo que é dito. Trata-se aqui da transmissão de um discurso e sua impossibilidade. Assim está em Lacan:

Ao propormos a formalização do discurso e estabelecendo para nós mesmos, no interior dessa formalização, algumas regras destinadas a pô-lo à prova, encontramos um elemento de impossibilidade. Eis o que está propriamente na base, na raiz do que é um fato de estrutura (Lacan, 1969-1970/1992, p. 43).

A impossibilidade de um saber-todo que fecharia o circuito do discurso, ou seja, a impossibilidade de um discurso em que o seu produto daria conta de restaurar a incógnita verdade que o animou; é isso que nos orientará em direção ao real enquanto impossível – e que será o possível de transmitir da estrutura de um discurso. É a que nos levou a investigação de nossa hipótese se, em Lacan, poderíamos pensar na transmissão de uma falha.

Ora, pode parecer contraditório afirmar isso, posto que afirmamos anteriormente a direção tomada por Lacan em sua tentativa de uma transmissão integral. Mas como conciliar uma transmissão

integral à transmissão de uma falha? É o que nos esclarece esta última citação do *Seminário 17* (Lacan, 1969-1970/1992): é possível transmitir a estrutura de um discurso, sem palavras, mas desde que incluída nela um elemento de impossibilidade. Ou seja: transmite-se integralmente a estrutura, o matema, e aquilo que traz consigo, coextensiva à mesma, a falha no saber.

É nesta mesma direção que encontramos no texto de Lacan de 1966, *O lugar da psicanálise na medicina*, a indicação daquilo que nomeou uma falha epistemo-somática como sendo o efeito que teria o progresso da ciência sobre a relação da medicina com o corpo (Lacan, 1966/2001). Trata-se de uma falha do saber em dar conta do real do corpo. Mesmo com os progressos da ciência (e já se passaram mais de cinco décadas desde que Lacan o afirmara), há um ponto cego que a medicina desconhece e que concebemos, a partir da psicanálise, como uma falha que poderia ser localizada entre o mental e o corporal.

A transmissão da psicanálise a partir do último ensino de Lacan

Caminhando um pouco mais no ensino de Lacan, chegamos a uma segunda torção, ponto em que podemos localizar a virada para o seu último ensino, e isso se dá por ocasião do *Seminário 20* (Lacan, 1972-1973/1985b). Ali o matema chegará a seus limites em sua pretensão de uma transmissão integral e Lacan se interessará pelo nó, naquilo que tem de refratário à matematização, a ponto de afirmar que não existe nenhuma teoria dos nós. Como seria possível pensar a transmissão da psicanálise a partir do último ensino?

Antes de introduzir os nós, no entanto, Lacan nos fará conhecer, no *Seminário 20* (Lacan, 1972-1973/1985b), os limites a que o fizeram chegar sua investigação acerca do inconsciente estruturado como uma linguagem em um primeiro momento, e depois a noção da matematização em sua possibilidade de transmissão. O que elabora, neste *Seminário 20*, de uma nova maneira, estava de alguma forma já inscrito no que havia formalizado anteriormente. Assim o diz: "o que eu digo anteriormente, ganha sentido depois" (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 50).

Retoma, então, a linguística, tal como a reformulara a partir de Saussure e Jakobson, de maneira a enfatizar que o significante é o que se ouve, e o significado um efeito. Assim, o que se escuta não tem nenhuma relação com o que isso significa. Essa ilusão é o que alimenta o discurso científico (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 42). E é o que o permite considerar o osso de seu ensino: que se fala sem saber. "Falo com o meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei". (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 161).

É sobre esse ser que não se pode saber que seu ensino interroga a estrutura. Daí a formalização matemática surgir como um ideal uma vez que dispensaria os equívocos da linguagem, ao ser escrita em fórmulas, a partir de letras.

Este problema não fica de todo resolvido porque a matematização que permitiria uma transmissão integral só seria de fato transmitida a partir do uso da língua corrente. Ou seja, há a fórmula, mas para apresentá-la seria preciso sair da letra para fazer uso da linguagem... com seus

equivocos. Nesse ponto não há como escapar da linguagem e a impossibilidade da comunicação, esta que havia sido aventada como possível em seu primeiro Seminário. Seu desenvolvimento acerca da relação sexual que não há⁸ o leva a concluir que “quem fala só tem a ver com a solidão, no que diz respeito à relação que só posso definir dizendo, como fiz, que ela não se pode escrever” (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 163).

Apresentamos anteriormente algumas considerações acerca do ensino em sua íntima relação com a fala dirigida a um outro. Aqui, no entanto, a investigação psicanalítica nos traz questões acerca do ensino uma vez que ele se dá sobretudo pela via da fala e da solidão do Um. Como, então, pensá-lo no sentido de uma transmissão? Tomando o ensino como um impossível, como fazê-lo? Trata-se de uma hipótese que, assim como o amor, o ensino seria essa forma de ilusão que operaria a partir do encontro contingente. A contingência pode levar a um bom encontro e isso que não cessa de não se escrever, o impossível da relação sexual, o real, poderia então ganhar algum contorno que o faz cessar de não se escrever.

Fora de toda possibilidade de comunicação, o parceiro daquele que fala numa posição de ensino não é mais o Outro, mas o corpo. É com o corpo, em parceria com o corpo, que se fala e, talvez daí, surjam efeitos de formação. Fala-se em posição analisante, como afirmara Lacan, não para servir ao diálogo – “nada é menos garantido do que isso” (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 189) –, mas para encarnar no outro a resposta que já se tem, mesmo sem o saber.

Falar com o corpo inclui o que Lacan formalizou como lalíngua, um nível fonético da linguagem, pré-gramatical e pré-escrito. A linguagem como a conhecemos surgiria *a posteriori*, como elucubração de saber sobre lalíngua (Miller, 1994-1999/2000). Desse modo, afirma Lacan (1972-1973/1985b, p. 190), “o que se pode fazer com lalíngua ultrapassa o que podemos dar conta a título de linguagem”. Uma pequena vinheta clínica pode ajudar a nos aproximarmos desse conceito. Um paciente internado em uma crise psicótica afirma se comunicar com o vento e isso seria assegurado por ter em *wind*, a mesma inicial de seu nome próprio, W. Em uma crise anterior, cortara a própria língua e justifica: “É pela língua que saem os pecados do homem; eu quero purificar a humanidade”. Pareceu-nos que sua tentativa consiste em separar a linguagem não de seu nível fonético, mas do órgão do corpo, o próprio músculo da língua. Trata-se de uma passagem ao ato séria, mas que nos indica que há algo que se elabora delirantemente ao nível da linguagem como sendo os pecados do homem, mas há, em outro nível, um gozo no corpo, este que se tenta extrair. O conceito de lalíngua nos indica que tal gozo está no blá-blá-blá, na fonação, embora este paciente tente localizá-lo no órgão.

É por, de alguma maneira, descolar a linguagem do corpo, colocá-la a certa distância, que Lacan encontrará nos nós uma metáfora para o Um em sua solidão, em sua não relação. “O Um não se amarra a nada que pareça o Outro sexual” (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 174). De outro modo, os nós surgem para tentar dar conta, fora da literalização e da matematização, de um vazio que se condensa no que conhecemos como objeto *a*. O nó borromeano foi introduzido para traduzir a fórmula: “eu te peço que recuses o que te ofereço, porque não é isso”. Isso, afirma Lacan, é o objeto *a*.

O objeto *a* é aquilo que supõe de vazio um pedido, o qual, só situando-o pela metonímia, quer dizer, pela pura continuidade garantida do começo ao fim da frase, podemos imaginar o que pode ser de um desejo que nenhum ser suporta. Um desejo sem outra substância que não a que se garante pelos próprios nós (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 171).

Pode haver um desejo de ensinar, mas também, por outro lado, um desejo de aprender que se manifesta como demanda, e cuja resposta deverá levar em conta o que há de vazio nisto que se articula como uma demanda de saber. Se há apenas corpos falantes, o objeto esvaziado que se busca com a demanda de saber, pode encarnar-se no olhar, voz, objeto de sucção e excreção; objetos que são reclamados e se fazem causa de desejo (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 171).

Se não se considera tal dimensão, em que há apenas corpos falantes, coletivos de Uns sozinhos, pode-se cair na ilusão de se confundir a questão do saber com a do aprender. É assim que Lacan termina seu *Seminário 20* (Lacan, 1972-1973/1985b), deixando-nos justamente uma questão acerca dos experimentos com ratos. A questão de Lacan é: como é que o ser pode saber? (Lacan, 1972-1973/1985b, p. 191). Os seres que não falam poderiam saber?

O rato que aprende a apertar um botão ou uma alavanca que lhe libera um pouco de comida ou um tanto de uma droga ajuda-nos a separar a aprendizagem do saber. O rato aprende, mas não há uma elucubração de saber, pelo menos isso ele não nos diz. Isso que é do saber, que passa por uma articulação da linguagem, é este o ponto que nos instiga a investigar como isso se ensina. Está nestas palavras, com Lacan (1972-1973/1985b, p. 192): "O que é do saber põe uma questão como isso se ensina". Até porque o aprendido pode se dar absolutamente sem o saber.

Em sua *Alocução sobre o ensino* (1970/2003), proferida no encerramento do Congresso da Escola Freudiana de Paris, cujo tema daquele ano era justamente o ensino, Lacan desenvolve a distância entre o saber e o ensino, à medida que não está garantido que de um ensino alguém tenha aprendido alguma coisa, que haja como resultado um saber (Lacan, 1970/2003, p. 302). Ele afirma, assim, que "o ensino pode ser feito para estabelecer uma barreira ao saber" (Lacan, 1970/2003, p. 303).

Nesse sentido, os pares de contrários ativo e passivo, transitivo e corolário, amante e amado terão seus contornos borrados para relançar o par professor-aluno de uma nova maneira. Não nos parece que aí se pode intuir uma ideia de reciprocidade, mas recoloca a função do professor na qualidade daquele que ensina e que, de seu ensino, é o efeito. É nesse sentido que afirma: "Só posso ser ensinado à medida de meu saber, e professor, já faz um tempão que todos sabem que isso é para eu me instruir" (Lacan, 1970/2003, p. 304). O professor exerce, então, sua função na qualidade de sujeito barrado, \$: é a partir de sua divisão, seja como o agente do discurso da histórica ou o produto do discurso universitário. É nesse sentido que o psicanalista, ao se oferecer ao ensino, o fará a partir da posição do psicanalisante. Neste caso, no entanto, não produzirá nada que se possa dominar, uma vez que o discurso do analista será o único que não pretende dominar – nem o aluno, nem o saber.

Abrem-se aqui muitas questões que não desdobraremos neste artigo, mas indica-nos um caminho para seguir esta investigação. Trouxemos aqui a maneira como se inicia o último ensino de Lacan, com suas muitas possibilidades para o ensino da psicanálise ainda por investigar. Outra questão que resta seria "como ensinar a psicanálise no século XXI?". Se o aluno traz seu objeto do saber no bolso, qual o lugar do ensinante? Como localizar a transferência nos tempos atuais em sua função no ensino? E não menos importante, o que o estilo daquele que ensina pode nos ajudar a pensar a transmissão da psicanálise hoje? Estas questões não serão abordadas neste artigo, mas procuramos desenvolvê-las em nossa pesquisa de doutorado.

Notas:

1. Este artigo foi produzido a partir de uma pesquisa de doutorado intitulada *Desafios da transmissão da psicanálise na formação em psiquiatria*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Minas Gerais, na área de concentração *Estudos Psicanalíticos*. Faremos aqui uma retomada das questões concernentes ao ensino e transmissão da psicanálise, a partir do ensino de Jacques Lacan.
2. Para maior fluidez do texto, nomearemos os livros de *O Seminário*, de Lacan, como *Seminário 1*, *Seminário 2* e as referências completas estarão no final deste trabalho.
3. Fazemos aqui uma alusão aos estudos científicos chamados de "duplo-cego", considerados como aquilo que produziria a melhor evidência científica, a partir de um paradigma positivista de ciência.
4. As outras duas vias seriam a do catálogo e do análogo (Lacan, 1962-1963/2005, p. 28-30).
5. Estamos aqui nos referindo a "o matemático" como o sujeito, o humano que se dedica à matemática.
6. A equação quadrática " $ax^2 + bx + c = 0$ " é resolvida pela fórmula: $x = \frac{-b \pm \sqrt{b^2 - 4ac}}{2a}$.
7. Trata-se de uma questão instigante e que procuramos desdobrar em nossa pesquisa de doutorado.
8. Com isso, Lacan quer afirmar, grosso modo, que não há relação de proporcionalidade, de complementaridade entre os seres sexuados.

Referências Bibliográficas

- Agostinho, S. (2017). De magistro. In S. Agostinho, & S. T. Aquino. *Sobre o mestre* (pp. 13-113). Kíron.
- Barthes, R. (2013). *Aula*: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França. Cultrix.
- Freud, S. (2019). *As pulsões e seus destinos* (Obras incompletas de Sigmund Freud). São Paulo: Autêntica Editora. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras*

- psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 231-270) Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1937).
- Lacan, J. (1985a). *O Seminário livro 2: O Eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1954-1955).
- Lacan, J. (1985b). *O Seminário livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1972-1973).
- Lacan, J. (1986). *O Seminário livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1953-1954).
- Lacan, J. (1988). *O Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lacan, J. (1992). *O Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1998a). O seminário sobre "A carta roubada". In *Escritos* (pp. 13-66). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1956).
- Lacan, J. (1998b). A psicanálise e seu ensino. In *Escritos* (pp. 438-460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J. (1998c). Abertura desta coletânea. In *Escritos* (pp. 9-11). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2001). O lugar da psicanálise na medicina. *Opção Lacaniana, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 32, 08-14. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2003). Alocução sobre o ensino. In *Outros escritos* (pp. 302-310). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1970).
- Lacan, J. (2005). *O Seminário livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1962-1963).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário livro 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1968-1969).
- Lacan, J. (2009). *O Seminário livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1970-1971).
- Lacan, J. (2012). *O Seminário livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em 1971-1972).
- Miller, J.-A. (2000). *El lenguaje, aparato del goce*. Colección Diva. (Trabalho original publicado em 1994-1999).

Citação/Citation: Veira, M. M. R. & Couto, L. F. D. (mai. 2024 a out. 2024). Lacan e a transmissão da psicanálise. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 19(38), 144-162. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2024v19n38p144-162

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/ Received: 29/07/2024 / 07/29/2024.

Aceito/ Accepted: 26/10/2024 / 10/26/2024.

Copyright: © 2024. Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.